

# SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS: HIBRIDISMOS PRESENTES NAS RELAÇÕES ENTRE ESPORTE EDUCACIONAL E PERFORMANCE ESPORTIVA

## *EDUCATIONAL KNOWLEDGE AND PRACTICES: HYBRIDISMS PRESENT IN THE RELATIONSHIPS BETWEEN EDUCATIONAL SPORTS AND SPORTS PERFORMANCE*

Mauro José de Souza 1

**Resumo:** O presente trabalho objetiva apresentar uma reflexão sobre ações pedagógicas em eventos esportivos educacionais que se configuram como performance ao alto rendimento. Ancorado na abordagem histórico crítica e fundamentado nas relações que envolvem esporte, educação e sociedade, o texto enfoca a partir de um evento educacional, a natureza das práticas pedagógicas envolvidas. As análises foram tecidas a partir de uma observação participante a um festival escolar de Atletismo, e confrontadas com os referenciais teóricos existentes. Os resultados apontaram para um certo hibridismo negativo na prática esportiva, em que o esporte competitivo acaba por colonizar o esporte educacional. Fica evidente a necessidade de reflexão sobre novas possibilidades de interpretação e percepção do esporte como uma prática capaz de conjugar, ao mesmo tempo, elementos aparentemente contraditórios como competitividade e participação, possibilitando uma ação híbrida positiva, onde uma vertente possa se constituir complemento da outra.

**Palavras-chave:** Eventos esportivos; Hibridismos no esporte; Metodologia de ensino.

**Abstract:** The present work aims to present a reflection on pedagogical actions in educational sports events that are configured as high performance practice. Anchored in the critical historical approach and based on relationships involving sports, education and society, the text focuses on an educational event, the nature of the pedagogical practices involved. The analyzes were built from a participant observation to a school athletics festival, and confronted with the existing theoretical references. The results pointed to a certain negative hybridism in the sport practice, in which the competitive sport ends up colonizing the educational sport. It is evident the need of reflection on new possibilities of interpretation and perception of sport as a practice capable of combining, at the same time, seemingly contradictory elements such as competitiveness and participation, enabling a positive hybrid action, where one side can be complementary to the other.

**Keywords:** Sports event; Hybridisms in the sport; Teaching methodology.

## Introdução

A atividade desportiva representa um fator cultural cada vez mais presente e indispensável no desenvolvimento da sociedade (Zenha, 2009). A prática esportiva sempre esteve atrelada ao movimento humano, acompanhando-o desde os primórdios. Como prática rudimentar, já protagonizava grandes mobilizações sociais e culturais na Grécia antiga (Cabral, 2004). Como esporte moderno, figurou a partir do século XIX como prática sistematizada, universalizando regras e atuando como agente de formação ideológica e política.

Atualmente o esporte tem adquirido espaço e importância cada vez maior, seja no âmbito das discussões acadêmicas, seja no amplo espectro da sociedade, sendo percebida nos mais remotos ambientes sociais com conotações diversas, que, em síntese, transitam entre três principais vertentes, que Tubino (1999) classifica como: esporte de rendimento, esporte para todos e esporte educacional. A primeira delas relacionada ao treinamento de alto rendimento, é destinada à formação de atletas para as grandes competições esportivas. O esporte para todos sintetiza uma vertente associada às concepções de lazer e diversão, cuja ênfase é desenvolver o hábito da prática regular da atividade física. A terceira vertente está relacionada ao esporte educacional, no interior da qual as diferentes manifestações esportivas deverão considerar a prática social ampla, onde o esporte possa servir como agente de formação humana, dentro ou fora da escola (Tubino, 1999; Kunz, 2001; Soares *et al*, 1992)

Embora a gênese da Educação Física escolar no Brasil tenha se dado a partir da Ginástica e seus elementos constituintes (Soares, 1994), são as diferentes modalidades esportivas que têm assumido, historicamente, o protagonismo nos planejamentos destes professores, se mostrando como um de seus conteúdos hegemônicos. Nesse sentido, e influenciados pela premissa da indústria cultural e pela lógica do consumo esportivo que tem nos grandes veículos de comunicação de massa seu expoente máximo, os próprios alunos elegem o esporte como o mais representativo conteúdo para as aulas de Educação Física no interior da escola. Assim, o esporte acaba por se constituir em um patrimônio sociocultural, estando presente nas mais diversas esferas da vida coletiva, com *status* e representatividade capaz de influenciar todos os segmentos socioculturais e faixas etárias (Zenha, 2009; Rinaldi, 2000). Na infância, a modelagem cultural influencia através do apelo aos ídolos e consumo de produtos esportivos. No adulto, se consolida através da dependência de produtos e serviços relacionados ao esporte, consumidos passivamente.

No tocante à perspectiva ligada ao alto rendimento, tomemos como referência, a título de exemplificação, a grande repercussão mundial que causa um megaevento esportivo como a Copa do Mundo de Futebol, organizada a cada quatro anos pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), instituição máxima que controla o mundo futebolístico. Este evento congrega delegações do mundo todo, estimulando um marketing esportivo gigantesco e um mercantilismo exacerbado proveniente da indústria cultural e esportiva, possibilitando desdobramentos não apenas restritos aos lucros provenientes deste evento, mas atingindo outros setores, como a indústria do vestuário, as mídias de entretenimento e a comercialização exacerbada de jogadores em forma de mercadoria nas mais variadas modalidades esportivas. (Sigoli e De Rose, 2004)

Outro exemplo marcante para corroborar este contexto é os Jogos Olímpicos da era moderna, ou simplesmente Olimpíadas. Este megaevento conjuga uma gama muito grande de esportes envolvidos, que extrapola o contexto próprio de divulgação dos esportes coletivos, como Futebol, Voleibol, Basquetebol, Handebol e congrega também outras modalidades esportivas que, a despeito destes megaeventos, não teriam uma grande projeção midiática. A Ginástica Artística e Rítmica, o Polo aquático e a Natação são alguns exemplos dessa fala. Para além das modalidades já citadas, o Atletismo, embora conte com eventos mundiais próprios, figura nestes eventos como um dos grandes protagonistas, pois conta com um número elevado de competidores e provas, se apresentando nestes e em outros eventos específicos dessa envergadura com brilhantismo e singularidade.

Embora os exemplos relatados tragam uma grande popularidade aos esportes envolvidos estimulando sua prática, a imagem do esporte que se fixa através destes eventos relaciona-se predominantemente às representações de performance. Nesta lógica, o esporte se apresenta dominado pela indústria cultural, sendo utilizado não apenas como estímulo à exploração do esporte como um produto comercial, mas também como um veículo ideológico destinado ao

reforço do pensamento das grandes corporações financeiras e/ou Estado.

Nesta perspectiva, o esporte se mostra a partir de uma função social que extrapola os limites relacionados apenas ao condicionamento físico e biológico, valorizando e incorporando elementos da cultura onde se manifesta, ao mesmo tempo se posicionando como elemento de vanguarda para grandes reflexões políticas e ideológicas existentes no seio da sociedade contemporânea. Pela grande popularidade que ostenta, acaba por ser utilizado como um farol a iluminar práticas relacionadas ao consumo desenfreado, servindo também como palco para grandes disputas de interesse e poder (Pires, 1998; Zenha, 2009)

Os embates provenientes de tais jogos de interesse provocam reflexos na esfera sociocultural que envolve o esporte. Na questão específica da utilização do esporte como mecanismo de lazer e diversão, esta prática é estimulada e valorizada, chegando até a representar um certo estigma social, no interior do qual praticar esporte configuraria ao cidadão praticante uma espécie de *status* social, nunca comparado ao brilho de um campeão. Nessa esteira, o esporte para todos, na perspectiva do lazer apenas constitui, em síntese, um outro mercado consumidor, pois para se praticar esporte é necessário estar vestido adequadamente, com esta ou aquela marca de produtos esportivos, igualmente sinônimo de *status* e posição na escala hierárquica da sociedade capitalista. No âmbito da utilização do esporte como veículo educacional prioritariamente relacionado às aulas de Educação Física escolar, este conteúdo consolida cada vez mais seu caráter hegemônico, se mostrando como o mais utilizado e solicitado neste contexto, para além dos outros conteúdos de igual importância, como os jogos, as lutas, a dança e a própria ginástica. (Caparroz, 2001)

Não obstante a isso, a qualidade desta utilização é sempre contestada. (Kunz, 2001). Em grande parte, os professores que utilizam o esporte nas aulas de Educação Física escolar parecem ainda não se dar conta do grande repertório de possibilidades para reflexão contidos nesta prática. Quando isto ocorre, as oportunidades de utilização do esporte como uma ferramenta genuinamente educacional acabam por não ser aproveitadas, inibindo reflexões que levem a uma formação mais autônoma e emancipada dos sujeitos envolvidos, reiterando hábitos estereotipados que reforçam o caráter de dependência do cidadão com a indústria de consumo e alienação na qual a prática esportiva é integrante. O mesmo acontece quando analisamos eventos esportivos que embora se apresentem como educacionais, transitam na direção oposta.

Assim, a materialização do desporto na sociedade atual é permeada de sentidos e significados que extrapolam a lógica do próprio esporte, o que interfere diretamente nas suas possibilidades de utilização em diferentes contextos, que apesar de possuírem objetivos e propostas de aplicação distintas, muitas vezes são hibridizadas em práticas confusas que podem contribuir negativamente para o desenvolvimento do praticante. Analisar as situações ocorridas num evento educacional, bem como entender os contextos onde esta prática ocorre, nos permite provocar reflexões acadêmicas sobre esta prática, bem como entender as especificidades que permeiam os objetivos e ações metodológicas observadas no processo.

Este artigo discute a materialidade do esporte educacional a partir de um evento, com projeto estabelecido a partir de bases educacionais e cujos atores são alunos de diferentes escolas da educação básica, somados a atletas pertencentes a um centro de treinamento especializado na modalidade Atletismo, destinado à formação de atletas para o alto rendimento. A observação participativa contou ainda com as percepções relatadas de um grupo de 20 acadêmicos de um curso de licenciatura em Educação Física, os quais fomentaram as discussões nesse artigo. Partimos do pressuposto de que o reconhecimento do esporte como um fenômeno social contemporâneo poderá estimular reflexões sobre sua identidade e materialidade nos contextos de atuação, podendo ressignificar corporais envolvendo o esporte na contemporaneidade.

## Uma breve história do esporte

O esporte acompanha o homem desde os primórdios. Na antiguidade se configurou inicialmente como atividade física de caráter utilitário-guerreiro, higiênica, ritual e educativa. No homem primitivo, a atividade física era realizada como forma de sobrevivência, como por exemplo saltar, lançar, atacar e defender. Ao se fixar na terra, surgiram as funções utilitaristas-guerreiras como forma de defesa aos ataques dos que permaneceram nômades. A concepção inicial do esporte surge com os jogos gregos, responsáveis pela ocorrência da primeira organização destes

para a competição. (Tubino, 1999)

Os jogos olímpicos da antiguidade tiveram início em 776 a.c. em Olímpia – Grécia, apresentando uma relação direta com a mitologia grega. Tinha como objetivo mostrar as qualidades físicas e a evolução da performance dos homens. Além disso, era uma forma de socialização entre as cidades gregas, buscando uma maior aproximação das cidades-estados. Estes jogos representavam um festival religioso e atlético, durante o qual era estabelecida uma trégua sagrada, na qual todas as cidades suspendiam a guerra durante a realização dos jogos. Os gregos acreditavam que o desporto era valioso como treino para a guerra e também representava uma forma de honrar os deuses. (Cabral, 2004, Sigoli, 2004) Estes Jogos perduraram por 12 séculos, tendo sido abolidos em 393 d.C. pelo imperador romano Teodósio I, após a conquista da Grécia por Roma.

O esporte moderno surgiu no século XIX, na Inglaterra, a partir de um caráter utilitário, tendo como protagonista Thomas Arnold. Em sua concepção, o esporte possuía três principais características, apresentando-se como um jogo, uma competição e uma formação, conforme atesta Tubino (1999):

As duas primeiras já caracterizavam o esporte na Antiguidade, mas para a formação o criador do esporte moderno dava um sentido diferente da visão de Platão. Enquanto Platão pretendia o corpo e a alma unificados, Arnold acreditava que o corpo era um meio para a realidade, definindo o esporte como um auxiliar do corpo. (TUBINO, 1999, p.11-12)

Na mesma direção deste pensamento, o esporte moderno se desenvolveu, estabelecendo regras cada vez mais universais, protagonizando uma nova compreensão sobre o esporte. Com regras padronizadas, o esporte moderno foi sendo levado aos mais remotos cantos do globo, ganhando cada vez mais prestígio popular e poder de mobilização sociocultural. Nesse sentido, sua prática e visibilidade social passa a fomentar eventos de proporções gigantescas, como por exemplo os jogos olímpicos e a copa do mundo de futebol, colocando o esporte em um outro patamar, aproximando-o do mercado consumidor e da própria indústria cultural.

Atualmente, o esporte pode ser caracterizado como um patrimônio cultural da humanidade, congregando uma multidão de adeptos e profissionais que fazem deste, seu próprio mecanismo de subsistência, onde o esporte se configura, para além de sua conotação específica, como uma opção de investimento financeiro com rentabilidade através do marketing esportivo. E justamente por conta do prestígio conquistado, se apresenta na sociedade e na própria escola através de uma visão estereotipada, estabelecida a partir de uma escala hierárquica que busca sustentar sua posição de superioridade em relação ao esporte escolar, ou educacional.

## Esporte: poder e ideologia

No final do século XIX, inspirado nas ideias de Arnold, o francês Pierre de Coubertin iniciou um movimento de restauração dos Jogos Olímpicos, numa tentativa de resgatar o ideal olímpico da antiguidade e melhorar a visibilidade e participação social do esporte, em meio aos conceitos iluministas de intelectualidade, racionalidade, política, sociologia, filosofia e cultura, que guiavam o currículo escolar da França pós revolução. O ideal de Coubertin foi consolidado através da realização dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, os quais aconteceram em Atenas-Grécia, no ano de 1896, como forma de resgate dos ideais gregos vinculados ao esporte. Os jogos foram organizados à semelhança dos jogos olímpicos da antiguidade, porém com adequações de modalidades e provas ao novo cenário mundial. Tinham como missão unir povos, nações, culturas e pessoas de todo o mundo em volta da paixão pelo esporte. Sua realização seria de 4 em 4 anos, respeitando uma rotatividade pelas principais cidades do planeta. A partir desta ‘universalização’, normativas foram criadas e regras unificadas, na tentativa de padronizar o esporte para que assumisse uma característica mundial. Assim foram criados órgãos reguladores, que apresentavam como premissa básica a organização e disciplinarização do esporte no mundo. Porém, diferentemente do idealizado por Coubertin, os jogos foram assumindo cada vez mais um sentido de competitividade exacerbada, e foram se vinculando a disputas por interesses políticos e ideológicos. O ideal olímpico pautado na honra e dedicação aos deuses foi sendo gradativamente substituído pelo ideal de

representatividade política, social, econômica e ideológica. (Sigoli, 2004.; Pires, 1998)

A título de exemplificação, com a guerra fria, Estados Unidos e a então União Soviética (hoje Rússia) transformaram o esporte em um dos palcos mais efetivos da disputa entre o capitalismo e o socialismo. Nesse sentido, a vitória deveria ser obtida a qualquer custo e não representava apenas um título obtido, mas a supremacia do ideal político associado. O esporte nessa perspectiva, se apropria gradativamente das características de performance, prevalecendo esta lógica por longo período, o que inclui os dias atuais.

No entanto, a partir dos próprios exageros cometidos pelo esporte entendido e valorizado predominantemente pela lógica do alto rendimento, foram provocadas reações que em síntese culminaram na criação do Esporte para todos (EPT). O movimento EPT representou uma possibilidade de democratização do esporte na sociedade para além da ótica da performance e muito contribuiu para a popularização da prática esportiva, permitindo que as pessoas sem grande talento chegassem também a praticá-lo, sem necessariamente atrelar esta prática à perspectiva da performance, e inspirando uma outra concepção para a prática do esporte, vinculada ao lazer e a simples diversão. Nesta nova abordagem, o esporte passa a ser reconhecido como um direito de todos, democratizando o acesso às práticas esportivas, e estimulando o caráter educacional desta prática. Retomamos aqui as três vertentes sugeridas por Tubino (1999): esporte educação, esporte de participação (EPT) e esporte performance. Por sua vez, o profissional de Educação Física ao utilizar o esporte, assume toda a sorte de conquistas, derrotas e fragilidades no uso que faz de cada uma destas dimensões a partir de seus contextos de atuação. Sabemos que cada uma destas vertentes possui objetivos diversos, podendo conduzir a caminhos metodológicos e resultados distintos.

Nesse sentido, é pertinente que haja uma clara distinção entre os objetivos que permeiam as práticas corporais envolvendo o esporte nestes contextos, para que os caminhos metodológicos sigam na mesma direção. No entanto, esta clareza nem sempre é explicitada, tampouco natural. A ação docente não tem caráter de neutralidade, sofrendo influências relacionadas às concepções predominantes que norteiam o esporte na atualidade. (Rinaldi, 2000)

Influenciados pela lógica determinante do esporte espetáculo, o qual possui um lugar privilegiado na escala hierárquica de conteúdos para a Educação Física, o profissional que atua neste segmento tende a valorizar esta dimensão social como sendo a mais adequada, independentemente do contexto de sua aplicação. Nestes casos, a probabilidade de insucesso aumenta, pois, o trabalho desse profissional passa a ser alicerçado predominantemente numa suposta ação ideológica e política que objetiva em última instância promover a colonização do esporte educacional pelo esporte performance, dando a este último maior poder e representatividade (Sigoli, 2000); (Rinaldi e De Rose, 2004). O poder aqui citado não se manifesta apenas nas esferas dos grandes e megaeventos esportivos, mas encontra-se presente também em estruturas singulares onde o esporte figura como conteúdo.

Assim, encontramos reflexos destas influências não apenas nas aulas de Educação Física escolar e escolinhas especializadas, mas também em espaços públicos destinados a prática social esportiva, onde se insere o ideal do esporte para todos. Neste contexto amplo, o esporte se materializa essencialmente a partir de uma apropriação, por parte do esporte de alto rendimento, da prática esportiva de lazer e educacional, convertendo-as em alternativas de fomento à indústria cultural e consumismo (Zenha, 2009).

Cabe salientar que, tanto o esporte espetáculo quanto o esporte educacional podem oportunizar grandes benefícios a seus participantes, se mediados em seus reais objetivos que lhes dão sustentação epistemológica. No entanto, se esta prática ocorrer a partir de confusões ou extremismos conceituais, seus resultados podem ser obscurecidos. Na direção da primeira vertente, apesar de desenvolver os aspectos técnicos específicos da modalidade, pode se configurar como uma prática seletiva e discriminatória. Por mais paradoxal que seja, esta prática não é exclusiva de poucos, e seus reflexos podem ser percebidos em um contexto amplo, basta um olhar atento a esta questão.

Este olhar pode ser dirigido aos pequenos e médios eventos esportivos escolares e municipais. Em grande parte destes, a confusão conceitual pode ser constatada ao se tentar convergir em uma única ação pedagógica, estímulos educacionais e estímulos para a performance

desportiva. Apesar de muitos destes projetos serem concebidos em sua gênese como atividades eminentemente educacionais, se suas ações metodológicas estiverem voltadas para a performance esportiva, tenderão a reproduzir a discriminação e a exclusão.

Nesta linha de raciocínio, os alunos/atletas que participam destes eventos são cobrados muito mais pelos índices apresentados do que por suas habilidades de interação com os outros competidores, contrariando a lógica descrita na redação do projeto em questão.

Sendo a competitividade inerente ao ser humano e agente de motivação a esta prática, a conjugação destas duas vertentes necessita ser refletida e ressignificada. Não restam dúvidas de que as grandes teorias e correntes pedagógicas que dão sustentação a atuação do profissional de Educação Física no contexto da contemporaneidade, apontam para uma utilização do esporte como veículo de formação humana, considerando o contexto e os signos culturais presentes nesta relação.

No entanto, em sua configuração prática, o ensino do esporte considerando esta realidade, parece continuar seguindo por caminhos tortuosos e incertos, ocasionando diversas intercorrências capazes de interferir no atingimento de seus objetivos eminentemente educacionais postos desde o princípio. O que parece acontecer em última instância, é a apropriação do paradigma do esporte educacional como forma de facilitar a aprovação de projetos de empresas de cunho esportivo ou organizações não governamentais que apresentam como ponto de chegada o desenvolvimento de talentos esportivos, mascarados pela ótica do esporte educacional.

### **Apresentação e análise de uma observação participante**

A observação participante ocorreu tendo como foco principal um evento que buscou estimular a prática do Atletismo nas escolas, denominado de 'Festival escolar de atletismo', cujo projeto apresentava vínculo com ações educacionais. Para a realização da observação participante é necessária uma interação pesquisador/pesquisado, pois todas as informações coletadas e impressões obtidas dependerão do comportamento e das relações entre os sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, uma fase exploratória se torna essencial, assim como o tempo para o entendimento dos comportamentos envolvidos. (Valladares, 2007) No tocante ao presente estudo, cabe salientar que o local em que ocorreu o evento supracitado é o mesmo local de treinamento de atletas e também onde ocorrem as aulas da disciplina Atletismo. Assim, o contato com a realidade percebida, embora tenha tido foco no evento em específico anunciado, deu-se por um período de um semestre letivo, num processo de vínculo constante, o que possibilitou a interação pesquisador/pesquisado, e no interior da qual as observações foram fundamentadas.

Esta imersão oportunizou um olhar diferenciado para a realidade estudada, pois possibilitou análises não apenas referentes ao evento em si, mas a partir deste. Assim, as análises apontadas foram favorecidas pelo tempo de convivência com o grupo estudado. Conforme preconiza Franco e Ghedin:

[...] a visão sobre o grupo é construída processualmente pelo pesquisador na interação com os sujeitos que o compõem e com as relações que consegue captar. Trata-se de uma visão entre muitas possíveis e também depende do arcabouço teórico que dá suporte ao trabalho do observador participante. (FRANCO; GHEDIN, 2011, p. 198-199)

O Festival escolar de Atletismo, segundo informações repassadas pela organização, objetiva fomentar a prática do atletismo na escola e contribuir para disseminar sua prática, democratizando seu acesso a todos os escolares. Num outro sentido, este evento pretendeu simultaneamente selecionar atletas para representar a cidade em eventos competitivos oficiais chancelados pela federação de atletismo.

Nesse sentido, os alunos/atletas que melhor se destacassem nas provas deste evento, estariam automaticamente selecionados a compor etapas posteriores. Este evento contou com a supervisão da secretaria municipal de esportes da cidade, que aprovou o projeto como prática educacional inclusiva, reforçando o caráter educacional pretendido por esta ação. Esta secretaria delegou a função de coordenador geral deste evento educacional ao responsável pelo projeto de

formação de atletas de alto nível descrito acima. Para além de uma análise sobre competência técnica e administrativa de eventos esportivos, este fato provoca reflexões sobre as possibilidades de mesclar, em um mesmo contexto, situações com objetivos tão distintos, relacionados à formação de atletas ou preparar cidadãos para a vida social.

Obviamente estas ações requerem procedimentos distintos, e se os objetivos não estiverem claramente definidos e as ações metodológicas alinhadas, esta prática poderá desembocar numa espécie de reducionismo, favorecendo um hibridismo infértil. Assim, fez-se necessário analisar o acontecido a partir de algumas questões que nortearam esta reflexão: Que atitudes favoreceriam o esporte competitivo neste contexto? Que aspectos do evento poderiam estar associados a posturas efetivamente democráticas e educacionais? É possível congregarmos em um único evento objetivos capazes de mesclar o desenvolvimento de talentos esportivos sem perder de vista o caráter educacional? Estas questões constituem-se em pano de fundo para as análises seguintes e compuseram a pauta de observações.

O local de realização do evento possui boa infraestrutura física, construído e destinado especificamente para o treinamento e prática do atletismo, embora não esteja nas melhores condições de conservação. Este espaço contém uma pista de caráter oficial (400 metros de distância), além de locais destinados a execução das provas de campo, vestiários, dormitórios, cozinha e sala para reuniões. Este local é sede de um projeto social destinado à formação e treinamento de atletas na modalidade Atletismo abrigando cerca de 20 atletas, orientados por profissionais gabaritados, cuja finalidade específica é leva-los ao lugar mais alto do pódio. Participaram do processo de observação 20 acadêmicos do curso de licenciatura em educação física sob a supervisão deste autor, com o objetivo de refletir sobre as ações metodológicas dos organizadores do evento, especificamente no trato com os competidores. No contexto do evento, os acadêmicos auxiliaram na aplicação de diferentes provas, estando diretamente envolvidos tanto com os competidores quanto com a comissão organizadora, proporcionando uma observação direta. O professor se fazia presente, acompanhando cada prova e ação dos acadêmicos, orientando-os sob as etapas e processos inerentes à observação.

Cerca de 80 estudantes competiram no evento, representando as várias escolas da cidade, públicas e privadas, inscritos previamente em cada uma das provas disponibilizadas. Todos esses alunos/atletas estavam acompanhados pelos seus respectivos professores de Educação Física, sob os quais recaía toda a responsabilidade não apenas pelo treinamento prévio de seus alunos, como também por suas atitudes e condutas durante a realização das diferentes provas. Foi também imputada ao professor a tarefa de organização e traslado dos alunos/atletas da escola até o local do evento.

As delegações escolares foram chegando uma a uma no início do evento, alguns com certa familiaridade com o local, outros numa espécie de deslumbramento pelo caráter de ineditismo de tudo. Os atletas vinculados ao projeto já se encontravam no local, com vestimentas e calçados devidamente apropriados, o que causou surpresa para alguns competidores. Após a organização inicial e checagem dos inscritos, aconteceu a abertura inicial do evento, reiterando os objetivos educacionais do mesmo, e passando para realização das provas. A recepção dos professores e respectivos alunos/atletas ocorreu de maneira civilizada, porém pragmática como se esperaria em uma competição. Cada competidor era convocado através do anúncio de seus respectivos nomes, anunciados juntamente com a prova a ser disputada, à semelhança dos eventos oficiais. Em alguns casos pontuais, percebeu-se mais de uma chamada para a mesma prova, quando a mesa organizadora percebia falta de algum atleta, que embora inscrito, ainda não havia se apresentado à prova. Percebemos que os atletas que foram objetos de sucessivas chamadas eram exatamente aqueles considerados favoritos, mas que, comportando-se de forma negligente, ainda não haviam se apresentado para a prova. Não foi observada nenhuma ação desta natureza com os escolares, o que imprime um caráter de aparente desigualdade no trato com os alunos/atletas, numa demonstração de atitude seletiva por parte da organização. Num evento desta magnitude, é no mínimo intrigante perceber que esta pretensa disputa estava longe de ser uma disputa com condições de igualdade entre os competidores, respeitando o seu caráter pretensamente educacional e democrático. Sinalizando nesta direção, cabe um esclarecimento de que as provas eram disputadas, sob a égide da igualdade, por '**atletas**' que participavam de treinamentos específicos e regulares e '**alunos**'

que sequer conheciam uma pista oficial de atletismo, necessitando de maiores informações sobre o próprio percurso a ser percorrido nas corridas e as formas específicas de execução de cada prova, como por exemplo nos arremessos e saltos. De um lado, alunos/atletas de escolas que sequer haviam treinado, apresentando pouco ou quase nenhum conhecimento específico sobre a modalidade; de outro, alunos/atletas escolares com algum treino, embora não se saiba ao certo em que tempo e hora esta prática tenha ocorrido. E numa terceira vertente, atletas habituados ao treinamento nas diferentes provas que compõem o atletismo, e que, portanto, mostravam-se como favoritos. O grupo de 'favoritos' eram todos integrantes do projeto de alto rendimento desenvolvido naquele local, não sendo necessário um olhar mais técnico para perceber este fato, bastando para isso um olhar mais humano. A superioridade técnica destes atletas era percebida não apenas nos próprios gestos e movimentos que antecediam cada prova, os quais exibiam requintes técnicos e performáticos, mas também nos próprios trajes que vestiam e calçados adequados que utilizavam. Num outro extremo, porém na raia ao lado competindo com pretensa 'igualdade de condições', visualizávamos outros alunos/atletas que se apresentavam para as provas trajando bermudas jeans e roupas inadequadas para a competição, por vezes correndo descalços. A desigualdade estava estampada e explícita, e os resultados foram se materializando a cada prova; e os vencedores antes considerados favoritos, sagravam-se campeões efetivos.

A partir desta e outras observações pontuais, não poderíamos nos furtar a questionamentos que pudessem colocar em xeque o caráter verdadeiramente educacional pretendido pelo evento, apresentado enquanto projeto público destinado a promover a democratização do acesso a prática esportiva por escolares, disseminando a prática do atletismo. De acordo com o Soares, *et al*:

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de "significações objetivas". Em face delas, ele desenvolve um "sentido pessoal" que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. (SOARES, *et al*, 1992, p. 41)

E ainda utilizando as palavras de Leontiev:

[...]as significações não são eleitas peio homem, elas penetram as relações com as pessoas que formam sua esfera de comunicações reais. Isso quer dizer que o aluno atribui um sentido próprio às atividades que o professor lhe propõe. Mas essas atividades têm uma significação dada socialmente, e nem sempre coincide com a expectativa do aluno. (LEONTIEV (1981), *apud* SOARES, *et al*, 1992, p. 41).

Neste cenário, quando um aluno/atleta de pés descalços e sem vestimenta apropriada para corrida, se posiciona na raia ao lado de um outro competidor, cujo biotipo, vestimenta e atitude corporal por si próprios se assemelham a de um vencedor, o mínimo que podemos presumir é que sua autoestima seja estremeçada. A superioridade foi percebida não apenas nos calçados, vestimenta e biotipo, mas no próprio olhar que antecede a largada da prova. De maneira evidente se configurava prova após prova o caráter de desigualdade e exclusão. Os resultados finais de cada prova apenas atestavam este fato, juntamente com as percepções dos estudantes competidores, os quais pareciam se perguntar: "o que estou fazendo aqui?" De maneira pontual e incessante, os favoritos eram enaltecidos e os 'outros', relegados a segundo plano, às vezes até mesmo pelos seus próprios professores. Através da observação a diferentes atitudes da comissão organizadora na condução das provas, fomos forçados a acreditar que, na sua real acepção, este evento se destinou apenas a 'oficializar' a equipe que representaria a cidade em outras competições vindouras, a qual, independentemente da participação dos outros competidores, já estava previamente selecionada. Neste amálgama, os estudantes 'não atletas' participantes do evento apenas configuraram o pano de fundo para a aprovação de verbas públicas destinadas a um projeto educacional e inclusivo.

A título de exemplificação, no fim do evento presenciamos uma das competidoras isolada, sendo assistida por seu professor que tentava, ao seu modo, consolá-la pela derrota sofrida na prova. A referida aluna, aos prantos, se mostrava bastante abalada com a exposição de ter ficado entre as últimas colocadas na prova. Por sua vez, o professor tentava amenizar os fatos, argumentando que o importante não é vencer, mas participar, e que todos seus amigos estariam solidários a ela, independentemente dos resultados obtidos. Embora seja louvável a atitude deste professor, nos arriscamos a supor que os motivos da insatisfação da aluna não estavam restritos à sua derrota na prova, mas engendrava todo o conjunto de ações discriminatórias e segregacionistas percebidos e sentidos por ela, reforçadas por uma ação social desigual. Assim o fato relatado confere representatividade às reflexões anteriormente anunciadas, pois apesar de eventos como este se apresentarem como educacionais, na verdade se mostram segregacionistas, elitistas e alienantes, reproduzindo a própria lógica do esporte moderno. Outros fatos similares foram amplamente observados no decorrer do evento, com requintes semelhantes, sem qualquer ação por parte da comissão organizadora que pudesse amenizar as frustrações dos estudantes. Acreditamos que desta forma, as ações configuradas neste evento aproximam o esporte de seu caráter performático, ligado às forças de massificação e alienação.

Sobre o sentido de reprodução no jogo como metáfora social, Bourdieu (1990) afirma que neste contexto, os indivíduos se tornam meros reprodutores de um 'jogo previsto' pelas instituições e instâncias reguladoras que estimulam uma prática quase inconsciente, destinada à manutenção da ordem social vigente na qual o esporte figura como agente que oportuniza esta ação. Esta premissa acaba por confirmar uma espécie de confusão conceitual descrita anteriormente, e no interior da qual o trabalho pedagógico fica comprometido. A partir de ações pedagógicas desta natureza, qualquer procedimento de ensino terá dificuldade de posicionamento e consequente materialização na direção inicialmente proposta, pois é necessário se ter clareza da direção a ser percorrida. Acreditamos ser possível mesclar ações pedagógicas em que uma possa dar sustentação a outra. Por um lado, o esporte de alto rendimento tem muito a contribuir para a realidade educacional, oferecendo possibilidades ricas de reflexão e consequente ampliação na formação humana de todos. Por outro, os valores educacionais do esporte muito podem contribuir para um esporte profissional mais justo e ético, onde não se recorra a meios ilícitos apenas para se conseguir obter vitórias ou conquistas. O esporte como prática social, muito tem a contribuir para a formação cidadã, mas para isso não pode se render aos valores essencialistas de uma prática seletiva e discriminatória. As práticas corporais envolvendo o esporte enquanto tema da cultura corporal, devem expressar um sentido e um significado onde se interpenetram dialeticamente, a intencionalidade e os objetivos do homem com as intenções da sociedade, conforme atesta Soares, *et al*:

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que/cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela. (SOARES, *et al*, 1992. p. 42)

No sentido apontado acima, poderíamos afirmar que o evento analisado poderia efetivamente se constituir em um espaço de formação humana, mas para isso a equidade se apresenta requisito indispensável. As situações ocorridas durante a realização das provas constituem-se em potenciais recursos para a promoção da reflexão sobre a realidade social. Para tanto, é necessário o entendimento sobre as questões que envolve o esporte de rendimento e o esporte educacional,

reconhecendo as contribuições de cada um no sentido de promover a apreensão sobre a prática social. No entanto, é necessário muito cuidado ao transitar nestes terrenos, sob o risco de se cair em um hibridismo infértil, onde nenhum dos lados consiga efetivar sua identificação. Para tanto, a ação docente se torna fundamental, e nesse sentido, Resende (2016) nos sinaliza ser necessária uma visão ampla sobre o contexto profissional, capaz de extrapolar o mero fazer e atingir o porquê se faz.

### Considerações Finais

Desde a década de 1980, uma das críticas mais recorrentes envolvendo o esporte e a Educação Física escolar é sua utilização no paradigma biológico. De acordo com este paradigma, o esporte é percebido numa espécie de reducionismo pedagógico, levando a compreensão do movimento humano apenas no seu aspecto anátomo-fisiológico. (Caparroz, 2001). O esporte nesta perspectiva é visto como um veículo utilitarista, mercadológico e alienante, legitimador da própria Educação Física no interior da escola. No discurso acadêmico atual o esporte educacional figura como agente de promoção humana, que tem na cultura corporal elemento de sustentação epistemológica. Juntamente com outros conteúdos de igual importância, como por exemplo a ginástica, os jogos e brincadeiras, a dança, as lutas, o esporte as manifestações esportivas devem ser materializadas a partir de práticas pedagógicas críticas que pretendem promover uma formação humana, buscando o desenvolvimento de valores para a cidadania, tornando esta prática menos desigual e mais democrática. Não obstante a isso, não é raro encontrar professores que ainda utilizam o paradigma biológico como referência para suas práticas, alicerçado numa lógica de competição e seletividade. Sabemos que a competição esportiva traz em seu bojo o desejo inerente à vitória e ao sucesso, sendo este representado pela constante quebra de recordes nas grandes competições oficiais existentes na atualidade. A partir do incremento da mercantilização do esporte, exacerbada a partir do final dos anos 80 com a implementação do marketing esportivo nos Estados Unidos, ganhar passa a ser sinônimo de *status*, 'fama' e 'sucesso', valores reforçados amplamente nos grandes veículos de comunicação de massa. Tudo isso produz reflexos não somente na ação de professores quando da elaboração de seus respectivos planejamentos de ensino, seleção de conteúdos e definições de processos metodológicos, mas também na própria escola enquanto instituição, que muitas vezes quer se ver representada em eventos interescolares com sucesso, sendo este sinônimo de vitórias esportivas. Assim se origina e muitas vezes se assenta a confusão conceitual, no interior da qual os valores da Educação Física escolar se mesclam com os valores relacionados ao esporte de rendimento, num processo que naturaliza o ganhar a qualquer custo.

Talvez o ponto de saída desta indefinição conceitual seja tornar claros os objetivos pretendidos em cada lugar de ação, e após esta definição, que se elejam estratégias metodológicas coerentes com estes mesmos objetivos. Quando se tem como objetivo o esporte em sua vertente educacional, ensinar aos alunos a competição saudável torna-se uma premissa que permite uma maior atratividade para o jogo na perspectiva da atuação coletiva, não classificatória e inclusiva. A nossa crença baseia-se no fato de que é possível desenvolver o caráter competitivo em eventos escolares, mas não como forma de seletividade e exclusão. A principal competição a ser incentivada é a do aluno consigo mesmo na busca da superação de seus próprios resultados, como uma prática motivacional que estimule a percepção do esporte como uma possibilidade de leitura de mundo e inclusão social. Porém somente fará jus a esta ação o professor que, anterior à sua ação pedagógica, compreenda o sentido atribuído a esta prática em cada uma das esferas da vida social e esportiva.

Torna-se necessário reconsiderar o papel da escola como uma espécie de celeiro para se obter talentos esportivos. É preciso, neste contexto, reconsiderar os valores atribuídos ao 'mais alto', ao 'mais forte', ao 'mais veloz', passando a privilegiar no processo educativo as experiências concretas vividas como possibilidades de ressignificar a prática social dos envolvidos. O esporte na escola deve ser perpassado pela indagação acerca do perfil de cidadão se deseja formar. O fenômeno esportivo não se limita a jogar ou praticar, mas possui imbricações sociais, culturais e políticas a serem consideradas na ação educativa envolvendo o esporte. Nesta direção, concordamos com Oliveira *et al*:

Esse procedimento permite a pedagogização do esporte, de

acordo com os códigos e valores da escola, para que possamos repensar e praticar o fenômeno em sua dinamicidade, contradição e complexidade, porém para além da sua mercadorização e espetacularização. (OLIVEIRA *et al*, 2018, p. 04)

Pode inicialmente parecer paradoxal esta compartimentação maniqueísta, onde por um lado o esporte de alto rendimento figure como razão da existência do esporte e ou outro, o esporte como ferramenta de promoção humana, com papel coadjuvante a este. No entanto, há que se refletir sobre os possíveis hibridismos positivos entre estas duas acepções, afinal elas não existem de maneira dissociada, tampouco se configuram em vertentes estanques e unilaterais, necessitando ser complementares.

## Referências

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: UNIJUÍ, 2003

CABRAL, L.A.M. **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004

CAPARROZ, F. E. **O esporte como conteúdo da Educação física**: uma “jogada desconcertante” que não “entorta” só nossas “colunas”, mas também nossos discursos. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001

FRANCO, M. A.; GHEDIN, E. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Docência em Formação)

NASÁRIO, Júlio César. **Competição na educação física escolar**: representação social de professores da educação básica. Blumenau, 2009. 85 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau, SC.

OLIVEIRA, R.F. et al. **Concepção e ensino do esporte no Programa Inspiração Internacional**: compreensão e ações pedagógicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 2018.

PIRES, G.L. **Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte**. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v.9, n.1, p. 25-34, 1998.

RESENDE, R.; ALBUQUERQUE, A.; GOMES, A. R. **Formação e saberes em desporto, educação física e lazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

RINALDI, W. **Futebol**: manifestação cultural e ideologização. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v.11, n.1, p.167-172, 2000.

SIGOLI, M.A., DE ROSE JR., D. **A história do uso político do esporte**. *Revista brasileira de Ciência e Movimento*. Brasília, DF, v.12, n.2, p. 111-119, 2004.

SOARES, et al. **Metodologia do Ensino de educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TUBINO, Manuel José Gomes. **O que é esporte**. - Coleção primeiros passos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1999.

VALLADARES, Lícia. **Os dez mandamentos da observação participante (resenha)**. Revista brasileira de Ciências Sociais, vol.22 no.63. São Paulo, fevereiro 2007.

ZENHA, V., Resende, R., & Gomes, A.R. **Desporto de alto rendimento e sucesso escolar**: Análise e estudo de factores influentes no seu êxito. In J. Fernández, G. Torres, & A. Montero (Eds.), II Congresso Internacional de Deportes de Equipo (pp. 1-10). Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento. Corunha. Espanha. 2009.

Recebido em 7 de maio de 2019.

Aceito em 22 de maio de 2019.